

**XIV - HONRAI A
VOSSO PAI
E A VOSSA MÃE**

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO XIV - HONRAI A VOSSO PAI E A VOSSA MÃE

1. Sabeis os mandamentos: não cometereis adultério; não matareis; não roubareis; não prestareis falso-testemunho; não fareis agravo a ninguém; honrai a vosso pai e a vossa mãe. (S. MARCOS, capítulo X, v. 19; S. LUCAS, cap. XVIII, v. 20; S. MATEUS, cap. XIX, vv. 18 e 19.)

2. Honrai a vosso pai e a vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo na terra que o Senhor vosso Deus vos dará. (Decálogo: “Êxodo”, cap. XX, v. 12.)

Piedade filial

3. O mandamento: “Honrai a vosso pai e a vossa mãe” é um corolário da lei geral de caridade e de amor ao próximo, visto que não pode amar o seu próximo aquele que não ama a seu pai e a sua mãe; mas, o termo *honrai* encerra um dever a mais para com eles: o da piedade filial. Quis Deus mostrar por essa forma que ao amor se devem juntar o respeito, as atenções, a submissão e a condescendência, o que envolve a obrigação de cumprir-se para com eles, de modo ainda mais rigoroso, tudo o que a caridade ordena relativamente ao próximo em geral! Esse dever se estende naturalmente às pessoas que fazem as vezes de pai e de mãe, as quais tanto maior mérito têm, quanto menos obrigatório é para elas o devotamento. Deus pune sempre com rigor toda violação desse mandamento.

Honrar a seu pai e a sua mãe, não consiste apenas em respeitá-los; é também assisti-los na necessidade; é proporcionar-lhes repouso na velhice; é cercá-los de cuidados como eles fizeram conosco, na infância.

Sobretudo para com os pais sem recursos é que se demonstra a verdadeira piedade filial. Obedecem a esse mandamento os que julgam fazer grande coisa porque dão a seus pais o estritamente necessário para não morrerem de fome, enquanto eles de nada se privam, atirando-os para os cômodos mais ínfimos da casa, apenas por não os deixarem na rua, reservando para si o que há de melhor, de mais confortável? Ainda bem quando não o fazem de má-vontade e não os obrigam a comprar caro o que lhes resta a viver, descarregando sobre eles o peso do governo da casa! Será então aos pais velhos e fracos que cabe servir a filhos jovens e fortes? Ter-lhes-á a mãe vendido o leite, quando os amamentava? Contou porventura suas vigílias, quando eles estavam doentes, os passos que deram para lhes obter o de que necessitavam? Não, os filhos não devem a seus pais pobres só o estritamente necessário, devem-lhes também, na medida do que puderem, os pequenos nada supérfluos, as solitudes, os cuidados amáveis, que são apenas o juro do que receberam, o pagamento de uma dívida sagrada. Unicamente essa é a piedade filial grata a Deus.

Ai, pois, daquele que olvida o que deve aos que o ampararam em sua fraqueza, que com a vida material lhe deram a vida moral, que muitas vezes se impuseram duras

privações para lhe garantir o bem-estar. Ai do ingrato: será punido com a ingratidão e o abandono; será ferido nas suas mais caras afeições, *algumas vezes já na existência atual*, mas com certeza noutra, em que sofrerá o que houver feito aos outros.

Alguns pais, é certo, descuram de seus deveres e não são para os filhos o que deviam ser; mas, a Deus é que compete puni-los e não a seus filhos. Não compete a estes censurá-los, porque talvez hajam merecido que aqueles fossem quais se mostram. Se a lei da caridade manda se pague o mal com o bem, se seja indulgente para as imperfeições de outrem, se não diga mal do próximo, se lhe esqueçam e perdoem os agravos, se ame até os inimigos, quão maiores não hão de ser essas obrigações, em se tratando de filhos para com os pais! Devem, pois, os filhos tomar como regra de conduta para com seus pais todos os preceitos de Jesus concernentes ao próximo e ter presente que todo procedimento censurável, com relação aos estranhos, ainda mais censurável se torna relativamente aos pais; e que o que talvez não passe de simples falta, no primeiro caso, pode ser considerado um crime, no segundo, porque, aqui, à falta de caridade se junta a ingratidão.

4. Deus disse: “Honrai a vosso pai e a vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo na terra que o Senhor vosso Deus vos dará.” Por que promete ele como recompensa a vida na Terra e não a vida celeste? A explicação se encontra nestas palavras: “que Deus vos dará”, as quais, suprimidas na moderna fórmula do Decálogo, lhe alteram o sentido. Para compreendermos aqueles dizeres, temos de nos reportar à situação e às idéias dos hebreus naquela época. Eles ainda nada sabiam da vida futura, não lhes indo a visão além da vida corpórea. Tinham, pois, de ser impressionados mais pelo que viam, do que pelo que não viam. Fala-lhes Deus então numa linguagem que lhes estava mais ao alcance e, como se se dirigisse a crianças, põe-lhes em perspectiva o que os pode satisfazer. Achavam-se eles ainda no deserto; a terra que Deus lhes *dará* e a Terra da Promissão, objetivo das suas aspirações. Nada mais desejavam do que isso; Deus lhes diz que viverão nela longo tempo, isto é, que a possuirão por longo tempo, se observarem seus mandamentos.

Mas, ao verificar-se o advento de Jesus, já eles tinham mais desenvolvidas suas idéias. Chegada a ocasião de receberem alimentação menos grosseira, o mesmo Jesus os inicia na vida espiritual, dizendo: “Meu reino não é deste mundo; lá, e não na Terra, é que recebereis a recompensa das vossas boas obras.” A estas palavras, a Terra Prometida deixa de ser material, transformando-se numa pátria celeste. Por isso, quando os chama à observância daquele mandamento: “Honrai a vosso pai e a vossa mãe”, já não é a Terra que lhes promete e sim o céu. (Caps. II e III.)

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO IV QUINTO MANDAMENTO

Honra a teu pai e a tua mãe.

Compreenda os Mandamentos do Senhor, em toda a sua grandeza, aquele que quiser obedecer-lhes. Honra a teu pai e a tua mãe: Estes são os chefes que o Senhor te dá, os guias encarnados que prepõem à tua guarda. Mas, os que se encarregam da tua educação, que te desenvolvem a inteligência, que vigiam a tua adolescência, não são também teu pai e tua mãe - espirituais? E, por vezes, não fazem mais do que o pai e a mãe segundo a carne, que esquecem seus sagrados deveres e deixam o filho, que o Senhor lhes confiou, entregue a seus maus pendores, quando não chegam até a fazê-lo ceder às inclinações más que neles predominam, dando-lhe o exemplo do orgulho ou do egoísmo, da luxúria, dos vícios e paixões inferiores que degradam a humanidade e levam o Espírito à perdição, fazendo-o falir em suas provas?

O chefe de Estado, o juiz que governa com sabedoria, que faz justiça a todos, que dispensa sua solicitude até ao mais ínfimo de seus administrados, não é um pai a quem deves honrar, pois governa uma grande família?

E, falando assim, as nossas palavras se estendem a todo aquele que, como superior, qualquer que seja a sua condição, cumpre santamente suas obrigações para com os que lhe estão subordinados. A lei do respeito e do amor deve abranger todas as classes, todas as condições. É a cadeia que liga uns aos outros todos os membros da família universal.

A fim de que teus dias sejam prolongados na terra que o Eterno, o Senhor teu Deus, te dará.

Estas palavras, aditadas à lei, constituem um acréscimo feito por Moisés ao quinto Mandamento, tendo ainda por fim forçar à obediência e ao respeito à lei homens dominados unicamente pelo egoísmo e pelo instinto do presente.

Bem viver e viver longo tempo constituía para tais homens a primeira e única preocupação. Pelo ponto sensível era, pois, que importava prendê-los. E Moisés bem o percebeu.

Mas, tomai, ó filhos amados, a palavra - terra em acepção simbólica e compreendereis como a vossa vida poderá prolongar-se em a morada que reservada vos está, no sentido de que mais cedo a ela podereis chegar, cumprindo melhor os vossos deveres. Como sabeis, a morada reservada aos homens que o merecem são as esferas superiores, que eles atingem à medida que se elevam e a que tanto mais cedo chegarão quanto mais esforços fizerem por se aperfeiçoar.

Homem, honra a teu pai e a tua mãe e teus dias serão prolongados na terra que o Senhor teu Deus te dará. Mas, compreende-o bem, essa terra não é o solo que pisam teus pés.

As dificuldades que surgiram na interpretação dos Mandamentos nasceram de não terem querido ou não terem sabido os intérpretes distinguir do princípio exarado

na lei as adições feitas à lei, separar o que veio de Deus do que veio do homem, sob a inspiração divina, por intermédio dos Espíritos superiores, com um objetivo transitório e humano. O que, na lei, vem de Deus é imutável; o que veio por aquela inspiração divina, foi um meio de que Moisés se serviu para, atendendo ao momento, segundo a letra, e preparando o futuro, segundo o espírito, auxiliar o progresso humano, de conformidade com as necessidades da época.

Na Terra em que habitais, enquanto a ocupardes pela encarnação, vossos dias não podem ser prolongados.

No O Livro dos Espíritos se lê, com relação à morte, o seguinte: "De fatal, no verdadeiro sentido da palavra, não há senão o instante da morte. Em chegando esse momento, ou por um meio ou por outro, não vos podeis subtrair a ele." - Depois, como resposta a esta pergunta: "Assim, qualquer que seja o perigo que nos ameace, não morreremos se a hora não for chegada?" se lê: "Não, não perecerás e tens disso milhares de exemplos; mas, tendo chegado a hora de partires, nada pode obstar à tua partida." - Diante dessas palavras e destas que acabais de proferir mediunicamente: "Na Terra em que habitais, enquanto, a ocupardes pela encarnação, vossos dias não podem ser prolongados" - em que sentido, em que condições e segundo que regras se deve entender que o instante da morte é fatal? Deve-se entendê-lo de modo absoluto e no sentido de que o homem nada pode conseguir, para abreviar sua existência, pelo uso e abuso do seu livre-arbítrio, por seus atos, pela maneira por que se utiliza da sua existência, deixando de cumprir as obrigações que lhe são impostas para que o corpo lhe dure até ao termo de suas provações?

O Livro dos Espíritos era a base da revelação, porém não a revelação toda. Se nessa obra se houvesse entrado em todos os pormenores, mais terríveis teriam sido as tempestades que ela levantou, mais numerosos os antagonistas, mais penosa a luta. Foi preciso, primeiramente, desentulhar o caminho e mostrar a luz que cintilava por entre as aberturas do silvedo. Pouco a pouco, o horizonte foi sendo alargado e ainda o será mais.

Sob certos pontos de vista, como esse que ali se adotou, mas sem que se houvesse entrado em todos os desenvolvimentos, a morte é determinada. Credes, porém, fracas e finitas criaturas, que aquele que se move no infinito e abrange com o seu olhar as plêiades inumeráveis de estrelas, de mundos que ele projetou no espaço, mede o tempo com os vossos compassos? Tudo é detido em sua marcha, tudo tem determinada a sua duração, ao simples olhar daquele que é o infinito. Mas, a barreira que se ergue diante de vós não é determinada como o interpretais.

A duração da vida se regula pelo princípio que liga o Espírito ao corpo. O cordão fluídico de que se vos tem falado é a mola que põe em movimento o mecanismo corporal. Determinada é a duração dessa mola, mas dentro de uma amplitude que não podeis compreender e que não se mede pelos minutos da vossa pêndula. Extensão mais ou menos longa que é dada, de acordo com a maneira por que dela fizerdes uso. É como um pedaço de borracha que se pode esticar até certo ponto, conforme a maior ou menor

força, a maior ou menor destreza que se empregue.

Conquanto seja difícil fazer-vos compreender esta apreciação, vamos dar-vos o sentido e o alcance do que acabamos de dizer.

A duração do homem tem um limite natural, determinado, no curso regular da existência, pelas leis imutáveis da natureza, pela ação e aplicação dessas leis, de conformidade com os meios e os climas, por isso que os fluidos que servem para a formação e o entretenimento dos seres humanos estão em relação com os climas sobre que eles atuam. E a matéria está em relação adequada com eles, porquanto, segundo a lei de harmonia universal, tudo é determinado. Aí, nesse limite natural, é que está o momento irrevogável do fim humano, fim contra o qual o livre-arbítrio do homem nada pode, no sentido de prolongar além dele a duração do corpo.

Eis qual é, na verdadeira significação da palavra, o instante fatal da morte. Neste sentido é que os dias da criatura humana não podem ser prolongados. Eles não podem ir além daquele limite natural. Mas, o livre-arbítrio do homem pode, seja por meio de suas resoluções espíritas, isto é, pelas determinações que toma, como Espírito, antes de encarnar, seja pelo uso que faz da sua existência como encarnado, interromper o curso desta em determinado tempo, entre o instante do seu nascimento e aquele natural limite, que é a hora fatal do fim humano.

O livre-arbítrio do Espírito o coloca em condições de marcar, antes da encarnação, a duração aproximada do corpo que lhe servirá de envoltório, tomando ele o encargo de cumprir as obrigações necessárias a fazê-lo durar até ao termo de suas provas. Uma vez encarnado, como ignore quanto tempo durarão estas, deve empregar todos os esforços para se pôr em estado de levá-las a cabo.

Neste caso, tendo, pelas suas resoluções espíritas, marcado a terminação da prova, portanto a duração de sua existência terrena, o Espírito se acha impedido de atingir o termo geral desta - o seu limite natural. O corpo, então, sob a vigilância e a direção dos Espíritos prepostos à tarefa de velar pelo cumprimento das provas, se forma em condições de durar o tempo predeterminado, cabendo, porém, repetimo-lo, ao Espírito encarnado cumprir todas as obrigações de que dependa a duração dele até ao fim das provas a que serve de instrumento.

Cumpridas que sejam todas essas obrigações, o instante da morte é irrevogável, porém não fatal, no verdadeiro sentido desta palavra, visto ser o resultado do uso que do seu livre-arbítrio fez o Espírito antes de encarnar.

O homem, todavia, pode, pelo exercício desse mesmo livre-arbítrio, pelo abuso que dele faça, pela maneira por que conduza a sua existência, deter o curso desta antes do tempo marcado pelas suas resoluções espíritas, pelas determinações que tomou, como Espírito, antes de encarnar.

Assim é que o doente usa do livre-arbítrio, tanto quanto cuida do seu corpo para torná-lo capaz de levar a cabo as provas que seu Espírito escolheu, como quando apressa a sua morte, quer descuidando-se dele, o que muito se aproxima do suicídio, quer praticando abusos ou excessos, desde que esse descuido, esses abusos e excessos

constituam infração das obrigações que lhe cabia cumprir para fazê-lo durar até ao fim das provas que escolhera.

O tempo não é, pois, limitado segundo o vosso ponto de vista, se bem o seja com relação ao infinito e às leis que regem o Universo.

Sim, o instante da morte é fatal, no verdadeiro sentido da palavra, porque a vida corpórea não pode ultrapassar certo limite.

Não, o instante da morte não é fatal, relativamente à duração da vossa existência restrita, porque o limite natural, no curso regular da vida terrena, só raramente é atingido, pela razão de que as vossas resoluções espíritas, ou os vossos atos, uns e outras conseqüências do vosso livre-arbítrio, impedem que o atinjam.

Quando, para o homem, é chegada a hora de partir, nada pode eximi-lo da partida. E isto se verifica, desde que essa hora chegue, ou porque o limite natural tenha sido alcançado, ou por efeito de suas resoluções espíritas, ou em conseqüência de atos seus, que, dada a maneira por que haja conduzido a sua existência, constituíram infração das obrigações que ele tinha necessidade de cumprir, para fazer que seu corpo durasse até ao termo das provas que buscara.

Dentro dessa latitude que vos é concedida, podeis mover-vos e usar do vosso livre-arbítrio que, a não ser assim, não passaria de uma palavra oca e infalivelmente traria a todo aquele que raciocina a idéia de fatalismo, de predestinação, de escravidão moral.

Há, porém, uma distinção a estabelecer-se quanto à duração da vossa existência, restringida, com relação ao limite natural, pelas vossas resoluções espíritas, ou por atos vossos que, conformemente ao emprego que dais à vida corporal, constituem infração das obrigações que tendes necessidade de cumprir, para que o vosso corpo dure até à terminação das provas que escolhestes.

De acordo com o que já vos dissemos, para o homem que cumpriu, que cumpre todas as obrigações cuja observância é necessária para que seu corpo dure até ao termo de suas provas, e que, pelas suas resoluções espíritas, determinou uma duração restrita para a sua existência, o instante da morte é e permanece irrevogável. Nesse caso, qualquer que seja o perigo que o ameace, ele não perecerá se a hora não houver chegado. Qualquer que seja a situação em que se encontre, os meios apropriados a salvá-lo lhe serão preparados e colocados ao alcance pelos Espíritos prepostos ao encargo de vigiar o cumprimento das provas, das expiações. Se, ao contrário, a hora chegou, ele morrerá, perecerá. Disso tendes, como se vos disse, milhares de exemplos. De fato, quantas e quantas vezes, no mesmo lugar, uns perecem, outros se salvam!

Já recebestes sobre isto explicações nos comentários aos três primeiros Evangelhos, quanto aos casos de naufrágio, de incêndio, de desmoronamentos subterrâneos, de quedas. Não temos que voltar a esse ponto.

No caso de assassinio, o assassino não é instrumento cego da Providência quando, em determinado tempo, põe termo à prova de um que se destinara a essa expiação. Assim procedendo, usou do seu livre-arbítrio. O assassinio é a conseqüência do livre-arbítrio de um e da escolha das provas, das expiações, feita pelo outro que, aplicando a

si mesmo a lei de talião, buscou morrer, ou de morte violenta, mas sem determinar em que época, nem de que gênero seria a morte, ou, então, de uma forma precisa, perecendo assassinado.

No primeiro caso, se o assassino usa do seu livre-arbítrio para domar suas paixões e perdoa ao que ia ser uma vítima, outra circunstância a este se apresentará, que porá fim às suas provas. Estas se cumprirão assim conforme às resoluções que seu Espírito tomou antes de encarnar.

No segundo caso, se o assassino procede da mesma forma, os acontecimentos da vida aproximarão o encarnado, que deva sofrer a expiação de morrer assassinado, de outro encarnado em quem os maus pendores predominam, para que se dê o que haja de dar-se.

O assassino e a vítima, uma vez encarnados, não mais se lembram da escolha que fizeram - um, da prova de que terá de sair vencedor ou vencido e que constitui, para ele, a luta contra uma tendência de que lhe cumpre triunfar; - o outro, da expiação por que deve passar, como meio de reparação e de depuração. Assim, não é por impulso próprio que a vítima se encaminha para o matadouro. Entretanto, algumas vezes, ela prepara, inconscientemente, o caminho que a conduzirá lá, ou é para lá guiada pelos Espíritos prepostos a vigiar o cumprimento das provas, das expiações.

Compreendi bem o sentido destas últimas palavras. Os guias não dirigem os atos do assassino; dirigem o Espírito daquele que deve sofrer a expiação, dirigem os acontecimentos que o conduzirão ao caminho, seja da prova, seja da expiação. Não deduzais daí que à vítima o Espírito seu protetor dê por inspiração, no momento em que ela desperta, a lembrança da resolução que seu Espírito haja tomado enquanto esteve desprendido, durante o sono, a de se colocar no rumo dos sucessos que tenham de levá-la ao cumprimento da expiação escolhida; não. Isso seria um suplício moral infligido ao encarnado e a Providência é piedosa para com seus filhos. Mas, conforme já vos foi explicado no comentário aos três primeiros Evangelhos (n. 119, págs. 106-113, do 2º tomo), o encarnado, ao despertar, conserva uma impressão vaga, que se torna a determinante da sua vontade, de seus atos.

Se a hora fixada pelas resoluções espíritas, quanto à época da morte, não soou e permanece irrevogável, por estar aquele que se acha submetido à expiação cumprindo todas as obrigações de que há de resultar a duração de seu carpo até ao fim de suas provas, os Espíritos prepostos a velar pelo cumprimento destas, das expiações, prepararam e põem ao alcance dele os meios próprios a subtraí-lo ao assassinio. Ele se salvará, qualquer que seja o perigo que o ameace.

No caso em que, praticando, pelo uso que faz da sua existência, atos que constituam infração das obrigações que lhe era necessário cumprir para que o corpo lhe durasse até ao fim de suas provas, infração, portanto, de suas resoluções espíritas, o homem detém o curso dessas provas, ele apressa o instante de sua morte. Soa-lhe então a hora de partir, porque, usando e abusando do seu livre-arbítrio, pôs fim à duração de seu corpo, com o fazer que entrassem em ação os meios pelos quais esse fim

chega. É que, procedendo daquela forma, ele atraiu fluidos cuja ação, de conformidade com as leis naturais e imutáveis que os regem, prepara e executa a destruição do corpo, a rutura do laço que a este liga o Espírito, desse cordão fluídico que é a mola, o instrumento e o meio de que depende a vida. E, ao mesmo tempo que atraía aqueles fluidos, ele repelia os apropriados à conservação do corpo até ao termo das provas por que devia passar.

O homem que se deixa arrastar ao suicídio usa do seu livre-arbítrio, quer quando atenta, de qualquer modo, contra a vida, quer quando afasta a arma que dirigira contra si mesmo, ou renuncia ao projeto de matar-se e ao gênero de morte que escolhera. Se, porém, a hora que ele, ao tomar as suas resoluções espíritas, fixou para morrer é e se conserva irrevogável, por haverem sido, de sua parte, cumpridas todas as obrigações que lhe importava cumprir para que seu corpo durasse até ao termo de suas provas, os Espíritos prepostos a velar pelo cumprimento destas prepararão e lhe porão ao alcance os meios adequados a se subtrair à morte. O suicídio abortará, ele será salvo.

Não concluais daí que o homem possa seguir impunemente o seu pendor para o suicídio e a ele ceder, atentando contra a própria vida, porquanto, de um lado, o suicídio é crime perante Deus e, de outro, o homem não sabe se chegou ou não a hora da sua partida.

A duração da vida é limitada, mas o livre-arbítrio do homem pode fazê-lo sucumbir ao mau pensamento de interromper ele mesmo o curso da sua existência, ou levá-lo a dominar esse arrastamento culposo.

Aquele que se suicidou, como o que morreu assassinado ou de qualquer outra forma, morreria sempre, mas de maneira diversa, de modo natural, desde que houvesse chegado para ele a hora de partir, quer por haver atingido o limite natural marcado para fim da vida humana que segue o seu curso, regular, quer por haverem suas provas atingido o termo que ele lhes fixou ao tomar suas resoluções espíritas, quer, finalmente, por ter, pelos seus atos, infringido as obrigações que precisava cumprir, a fim de fazer que seu corpo durasse até ao termo daquelas provas.

Cedendo ao arrastamento que lhe cumpria combater, o gênero de morte a que sucumbiu resultou de sua escolha, mas ele partiu porque chegara a hora de partir. Se houvesse combatido os pendores que o impeliam a matar-se, teria saído vencedor da prova, não se veria condenado a recomeçar nas mesmas condições.

O sentimento que induz o homem a se suicidar não lhe nasce no íntimo instantaneamente. É um gérmen que se desenvolve, como que devido a uma tendência constitutiva de uma prova de que ele precisa triunfar. Se, em lugar de combater essa tendência, o homem se lhe entrega, morre culpado, faliu. Se, em vez de se lhe entregar, investe contra a idéia de destruir a existência que o Senhor lhe concedeu, a hora da libertação, quando soar, o encontrará isento da mancha de uma ação má e da dos maus pensamentos que a houveram causado.

Combatendo as tendências que o propeliam para a destruição de si mesmo, evitando a série de acontecimentos que poderiam levá-lo a um tal ato de desespero, o

suicida teria podido evitar o crime. O homem pode evitá-lo, pois que pode, pela força da sua vontade, repelir as tentações. Aquele que escolheu, como prova, resistir à tendência ao suicídio, pode sair vencedor da luta. A bondade de Deus lhe faculta os meios; cabe-lhe alcançar a vitória, porquanto, nas provas em que o homem, para purificar seu Espírito no cadinho da reencarnação, é chamado a vencer suas tendências, Deus lhe deixa a liberdade de escolher entre o bem e o mal. Assim, há sempre luta e possibilidades de triunfo ou de derrota.

Quer sucumba na prova do suicídio, quer triunfe dela, morre sempre no tempo preciso, isto é, quando chega para ele a hora de partir, de uma das maneiras que acabamos de assinalar. Mas Deus, conhecendo todas as coisas, por efeito da sua sabedoria infinita e da sua presciência, vê se o homem vencerá ou sucumbirá. Se tiver que sair vencedor, o Senhor, por intermédio dos Espíritos prepostos a velar pela execução das provas, prepara circunstâncias que lhe acarretem um fim natural. Se houver de sucumbir na prova, o Senhor deixa que, na inviolabilidade do seu livre-arbítrio, o homem consuma a obra criminosa, dando à sua existência o fim que ele próprio preparou e que constituirá um ato culposo da sua vontade.

Eis tudo o que temos para vos dizer sobre o instante da morte, o qual se fosse, como falsamente alguns o consideram, fatal, de modo absoluto e em todos os casos, seria um atentado ao livre-arbítrio do homem e envolveria, inevitavelmente, a idéia de fatalismo.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO III

MATEUS, Cap. XIX, vv. 16-26. — MARCOS, Capítulo X, vv. 17-27. — LUCAS, Cap. XVIII, vv. 18-27

Parábola do mancebo rico

MATEUS: V. 16. Eis que um mancebo, dele se aproximando, lhe disse: Bom Mestre, que bem devo fazer para alcançar a vida eterna? — 17. Jesus lhe respondeu: Porque me chamas bom? Bom só Deus o é. Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos. — 18. Perguntou-lhe o mancebo: Quais? Respondeu Jesus: Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não darás falso testemunho; — 19, honra a teu pai e a tua mãe e ama a teu próximo como a ti mesmo. — 20. Retrucou o mancebo: Todos esses mandamentos tenho guardado desde a minha juventude; que mais me falta? — 21. Disse Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que possuis, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me. — 22. Ao ouvir essas palavras, o mancebo se retirou triste, porque muitos eram os bens que possuía. — 23. Disse então Jesus a seus discípulos: Em verdade vos digo que difícil é um rico entrar no reino dos céus. — 24. Digo-vos mais ainda: É mais fácil passar um camelo por um fundo de agulha do que um rico entrar no reino do céu. — 25. Ouvindo isto, seus discípulos, muito espantados, perguntaram: Quem pode então ser salvo? — 26. Jesus, fitando neles o olhar, disse: Impossível é isto para os homens, mas para Deus tudo é possível.

MARCOS: V. 17. E, indo ele pela via pública, um homem veio a correr e, ajoelhando-se-lhe aos pés, lhe falou assim: Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna? — 18. Disse Jesus: Porque me chamas bom? Ninguém é bom senão somente Deus. — 19. Conheces os mandamentos: não cometerás adultério, não matarás, não furtarás, não darás falso testemunho, não praticarás fraude, honra a teu pai e a tua mãe. — 20. Ao que o homem retrucou: Mestre, todas essas coisas tenho eu observado desde a minha mocidade. — 21. Jesus, olhando para ele com amor, lhe disse: Falta-te ainda uma coisa: vai, vende tudo o que possuis, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me. — 22. Mas o homem, aflito com aquelas palavras, se retirou triste, pois possuía grandes riquezas. — 23. Jesus, olhando à volta de si, disse a seus discípulos: Quão difícil é que entrem no reino de Deus os que possuem riquezas! — 24. E como os discípulos se mostrassem espantados com as suas palavras, ele lhes repetiu: Filhinhos, quão difícil é que entrem no reino de Deus os que confiam nas riquezas! — 25. Mais fácil é que um camelo passe por um fundo de agulha do que entrar um rico no reino de Deus. — 26. Maior ainda se tornou o espanto dos discípulos, que uns aos outros diziam: Quem pode então ser salvo? — 27. Jesus, porém, fitando-os, disse: Isto para os

homens é impossível, mas não para Deus, a quem tudo é possível.

LUCAS: V. 18. Um homem de destaque o interrogou por esta forma: Bom Mestre, que hei de fazer para ganhar a vida eterna? — 19. Respondeu-lhe Jesus: Porque me chamas bom? Ninguém é bom senão somente Deus. — 20. Conheces os mandamentos: não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe. — 21. Replicou o homem: Todos esses mandamentos tenho guardado desde a minha mocidade. — 22. Ouvindo isso, disse-lhe Jesus: Ainda uma coisa te falta: vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me. — 23. O homem, porém, tendo escutado essas palavras, se entristeceu, pois que era muito rico. — 24. Vendo Jesus que ele ficara triste, disse: Quão difícil é que os que possuem riquezas entrem no reino de Deus! — 25. Mais fácil é um camelo passar por um fundo de agulha do que um rico entrar no reino de Deus. — 26. Os que o ouviam lhe disseram: Quem pode então ser salvo? — 27. Respondeu-lhes Jesus: O que é impossível para os homens é possível a Deus.

N. 239. O mancebo, impelido por uma influência espírita a *ir ter* com Jesus, *tinha que servir de exemplo* e de lição aos que o cercavam.

Naquela circunstância, como sempre que era conveniente ou oportuno, Jesus recorreu a imagens e locuções materiais, com o fim de tocar e impressionar fortemente as inteligências da época, de servir ao presente e preparar o futuro, de extirpar o egoísmo e o apego aos bens terrenos, de *preparar* o advento do espírito, para quando o reinado *da letra* houvesse produzido todos os seus frutos.

(Mateus, vv. 16-17; Marcos, vv. 17-18; Lucas, vv. 18-19.) Com esta observação “só Deus é bom”, Jesus proscovia de antemão toda a divindade que os homens, sabia-o ele pela sua presciência, lhe haviam de atribuir. Dá a entender (*e deveram tê-lo notado mais cedo*) que, conquanto se cognominasse *de filho de Deus*, conquanto o anjo o tivesse designado por *filho do Altíssimo* na revelação feita a Maria, ele não se considerava Deus, de quem, falando mais tarde, disse ser o *único Deus verdadeiro*, uno, indivisível, Criador incriado, que cria, mas não pelo fracionamento da sua essência. Se assim não fora, o qualificativo de *bom* lhe pertencia a ele Jesus, que era bom *por excelência, entre e acima dos homens*. Dá, pois, a entender que *é filho de Deus ou filho do Altíssimo* (o que vem a ser o mesmo, porquanto o *Altíssimo é Deus*) *no sentido das palavras pronunciadas pelo profeta* (Salmo 81, vv. 1-6) e que se aplicam igualmente a todos os Espíritos criados. Dá a entender, finalmente, que, em face do monoteísmo do Deus de Israel, ninguém poderia chamar-lhe *Deus*, senão *no sentido de tais palavras*, colocando-o segundo o politeísmo antigo, na categoria “*dos Deuses*”, sem que, entretanto, ele deixasse de ser, como todos os Espíritos criados, *filho do Altíssimo* (do Deus *dos Deuses*, conforme ao Salmo citado).

A vida eterna, que, do ponto de vista espírita, é a vida normal e final do Espírito, este não a ganha senão quando haja atingido a perfeição moral, senão quando, chegado à condição de puro Espírito, liberto de todas as influências da matéria, vem a achar-se em relação *direta* com o seu Criador, podendo, então, dizer, como Jesus : “Meu pai e eu somos um.”

(Mateus, vv. 18-19-20-21; Marcos, vv. 20-21; Lucas, vv. 20-21-22.) Jesus lembra os mandamentos a que os homens devem obedecer, dados por Moisés aos Hebreus, e que se resumem no seguinte: jamais fazer aos outros o que não quisermos que nos façam, observando o Decálogo e abstendo-nos de praticar, por pensamento, por palavra e por obra, qualquer deslealdade, de cometer qualquer fraude contra os nossos irmãos, material, moral, ou intelectualmente; — fazer aos outros tudo quanto quereríamos que nos fizessem, amando o nosso próximo como a nós mesmos, praticando para com ele a justiça, a caridade material e moral, o devotamento e a renúncia de si mesmo.

O sacrifício imposto ao mancebo tinha por fim mostrar, *não* que ninguém possa chegar a Deus senão despojando-se de todos os bens humanos, mas apenas que nenhum fruto produz a prática das virtudes e dos mandamentos, se não é escoimada de egoísmo e santificada pela caridade. A caridade e o esquecimento de si mesmo faltavam àquele mancebo. Por isso foi que Jesus lhe disse : “*Ainda te falta uma coisa*”, *velando* com a *letra* da imposição de um sacrifício absoluto dos bens humanos, para melhor tocar as inteligências dos homens materiais a quem falava, o *espírito* do ensinamento moral que a revelação espírita, cujos órgãos somos, explicaria às gerações vindouras, quando estas se mostrassem capazes de o suportar. Esse ensinamento era o de que onde está o tesouro lá também está sempre o coração.

(Mateus, vv. 22-23-24; Marcos, vv. 23-24-25; Lucas, vv. 23-24-25.) Jesus, que lia o pensamento do seu interlocutor, lhe pressentira a tristeza. Daí vem o ter escolhido o momento em que ele se dispunha a retirar-se para dirigir aos discípulos estas palavras, que o mancebo ouviu antes de se afastar dali:

“Quão difícil é que os que possuem riquezas entrem no reino de Deus, no reino dos céus.”

E acrescentando ao que dissera esta imagem material: “Mais fácil é que um camelo, ou um cabo, passe por um fundo de agulha, do que entrar um rico no reino de Deus, no reino dos céus”, ele o fez para tocar e impressionar fortemente a inteligência das massas, proclamar que fora da caridade não há salvação e também para preparar as gerações futuras a compreenderem, pela revelação espírita, que a riqueza constitui, para o homem, uma das provas mais temíveis, um obstáculo absoluto a todo progresso moral, quando, nas suas mãos, não se torna um instrumento e um meio de praticar a caridade e o amor para com seus irmãos.

Da riqueza se originam geralmente o egoísmo e o apego aos bens terrenos. E o homem não pode progredir rapidamente sem ser por meio da caridade, da abnegação,

da renúncia de si mesmo.

A justiça se contém nos limites do justo e do injusto, do direito e do ilegal. Aquele que pratica a justiça no sentido humano nem sempre pratica a caridade. Aquele, porém, que pratica a justiça e a misericórdia pratica a caridade, pois que a misericórdia é *una* com a caridade.

A caridade não tem limites, deve estar sempre pronta a todo sacrifício útil aos outros e deve ser sempre impessoal. Com as mãos sempre estendidas para todos os sofrimentos, para todas as necessidades, cumpre-lhe ir ao encontro destas e daquelas, prevê-las, adivinhá-las. Sua ação incessante deve fazer-se sentir não só sobre os homens, mas também sobre os animais, por mais ínfimos que pareçam. A caridade é a providência oculta *no fundo* do coração do homem, a espalhar de lá seus benefícios por sobre a natureza inteira. Fazei aos outros o que quereríeis que vos fizessem, porque então não lhes fareis o que não quiserdes que vos façam.

O devotamento é uma consequência da caridade. *Especificamo-lo* para imprimir mais força à explicação, visto que os homens limitam a caridade à esmola que dão do que lhes sobra.

A renúncia de si mesmo decorre, como o devotamento, da caridade. Podeis praticar a caridade sem devotamento, mas, em tal caso, ela será estéril. A verdadeira caridade sai do coração e o devotamento a acompanha sempre. Mas, não podeis ser devotados aos vossos irmãos sem a renúncia de vós mesmos, porquanto penosos sacrifícios necessariamente vos impõe o devotamento que tenha por móvel a caridade, feita com sinceridade de coração. É uma trilogia inseparável.

Tampouco é possível que a caridade seja desacompanhada do desinteresse. Do ponto de vista material, a *verdadeira* caridade é e *deve ser desinteressada*. Não só deve ser praticada *sem o objetivo* de qualquer remuneração, porque em tal caso perde o direito ao título de caridade, como não deve sequer *objetivar* as recompensas celestes, porque então ainda será egoísmo. A doce caridade tem que ser praticada *colimando o bem* que possa produzir, as conversões que possa operar por amor do próximo e não de si mesmo. Quem dá ao pobre, qualquer que seja a sua pobreza, seja de ordem material, de ordem moral, ou de ordem intelectual, empresta a Deus.

Guardai-vos, ó bem-amados, de contar com juros de usurários, pois que *então* perderíeis o vosso capital.

Sim, a caridade deve ser devotada, desinteressada, ativa, valorosa e praticada com a renúncia de si mesmo; deve possuir todas as virtudes e todas as coragens; ir aos campos de batalha, por sob o chuveiro das balas, socorrer os moribundos e os feridos, exortá-los ao arrependimento; deve ocultar-se nas pocilgas, para fazer brilhar aí uma centelha que aqueça os corações e ilumine as inteligências; subir os degraus dos tronos, para dizer a verdade e rasgar a venda com que o orgulho ou a lisonja cobrem os olhos dos que cingem uma coroa; deve apanhar da lama o pobre a quem falta o pão de cada dia; deve, usando de palavras brandas, abater o orgulho do poderoso; fortalecer a coragem e a energia do fraco; deve ter os olhos constantemente abertos e voltados para todos os

lados, a fim de descobrir os sofrimentos, as fraquezas, as faltas, morais ou físicas, e dispor de mil mãos sempre prontas a socorrê-los.

(Mateus, vv. 25-26; Marcos, vv. 26-27; Lucas, vv. 26-27.) À vista do diálogo que vinha de travar-se entre Jesus e o mancebo, profundamente espantados das palavras que o Mestre acabava de lhes dirigir e sobretudo da imagem material de que se servira e que lhes parecia querer significar que a entrada “no reino de Deus, no reino dos céus” estava *para sempre* interdita a todo homem rico, mesmo quando houvesse, como aquele mancebo, guardado os mandamentos, perguntaram os discípulos: *Então, quem pode ser salvo? — Ao que, fitando-os, respondeu Jesus: “Isto é impossível para os homens, mas não para Deus, porquanto a Deus tudo é possível; o que é impossível aos homens é possível a Deus”.*

O espanto dos discípulos nasceu do fato de não terem eles, que só atentaram *na letra*, percebido senão as dificuldades da conquista do reino do céu. Não perceberam os meios concedidos para se vencerem tais dificuldades e alcançar-se o objetivo. Quem pode então salvar o homem?

E, se só Deus o pode salvar, para que servem as obras e a fé? — Esta questão tem sido formulada muitas vezes.

Pode porventura o homem, na sua curta existência, depurar-se bastante para se salvar? Poderão seus atos ser tão bons e sua fé tão viva que lhe assegurem a salvação?

Quem o pode então salvar, desde que só a perfeição o levará aos pés do Senhor?

Quem o pode então salvar, senão Deus, pai terno e indulgente, que concede *tempo* a todos para se purificarem, que releva ao mau servo a *dívida* até que ele a possa pagar? que concede às suas criaturas o tempo, agente poderoso, com cujo auxílio chega o homem a alcançar a meta, por mais afastado que dela se ache e por mais escabrosa que seja a estrada que lhe cumpra percorrer? Só Deus é bom, só Deus salva, porque só Deus tem indulgência e longanimidade, só Deus tem nas suas mãos a duração do tempo.

O homem carece de capacidade para julgar por si mesmo do grau de pureza que lhe é necessário para elevar-se. Só Deus pode julgar. À revelação espírita estava reservado esclarecer, aos *olhos de todos*, na época predita pelos Espíritos do Senhor, órgão do Espírito da Verdade, o sentido das palavras de Jesus veladas *pela letra* e indicar os meios que Deus concede a seus filhos para vencerem as dificuldades e atingirem o fim. Esses meios são o renascimento, a reencarnação, *a princípio* expiatória e precedida, no espaço, da expiação proporcionada e apropriada às faltas cometidas, depois e por fim gloriosa, dando entrada ao Espírito no reino de Deus, no reino dos céus, isto é: permitindo-lhe atingir a perfeição moral.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO XIV - HONRAI A VOSSO PAI E A VOSSA MÃE

Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?

5. E, tendo vindo para casa, reuniu-se aí tão grande multidão de gente, que eles nem sequer podiam fazer sua refeição. - Sabendo disso, vieram seus parentes para se apoderarem dele, pois diziam que perdera o espírito.

Entretanto, tendo vindo sua mãe e seus irmãos e conservando-se do lado de fora, mandaram chamá-lo. - Ora, o povo se assentara em torno dele e lhe disseram: Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e te chamam. - Ele lhes respondeu: Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? E, perpassando o olhar pelos que estavam assentados ao seu derredor, disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos; - pois, todo aquele que faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe. (S. MARCOS. cap. III, vv. 20, 21 e 31 a 35 - S. MATEUS, cap. XII, vv. 46 a 50.)

6. Singulares parecem algumas palavras de Jesus, por contrastarem com a sua bondade e a sua inalterável benevolência para com todos. Os incrédulos não deixaram de tirar daí uma arma, pretendendo que ele se contradizia. Fato, porém, irrecusável é que sua doutrina tem por base principal, por pedra angular, a lei de amor e de caridade. Ora, não é possível que ele destruísse de um lado o que do outro estabelecia, donde esta conseqüência rigorosa: se certas proposições suas se acham em contradição com aquele princípio básico, é que as palavras que se lhe atribuem foram ou mal reproduzidas, ou mal compreendidas, ou não são suas.

7. Causa admiração, e com fundamento, que, neste passo, mostrasse Jesus tanta indiferença para com seus parentes e, de certo modo, renegasse sua mãe. Pelo que concerne a seus irmãos, sabe-se que não o estimavam. Espíritos pouco adiantados, não lhe compreendiam a missão: tinham por excêntrico o seu proceder e seus ensinamentos não os tocavam, tanto que nenhum deles o seguiu como discípulo. Dir-se-ia mesmo que partilhavam, até certo ponto, das prevenções de seus inimigos. O que é fato, em suma, é que o acolhiam mais como um estranho do que como um irmão, quando aparecia à família. S. João diz, positivamente (cap. VII, v. 5), “que eles não lhe davam crédito”.

Quanto à sua mãe, ninguém ousaria contestar a ternura que lhe dedicava. Deve-se, entretanto, convir igualmente em que também ela não fazia idéia muito exata da missão do filho, pois não se vê que lhe tenha nunca seguido os ensinamentos, nem dado testemunho dele, como fez João Batista. O que nela predominava era a solicitude maternal. Supor que ele haja renegado sua mãe fora desconhecer-lhe o caráter. Semelhante idéia não poderia encontrar guarida naquele que disse: *Honrai a vosso pai e a vossa mãe*. Necessário, pois, se faz procurar outro sentido para suas palavras, quase sempre envoltas no véu da forma alegórica.

Ele nenhuma ocasião desprezava de dar um ensino; aproveitou, portanto, a que se lhe deparou, com a chegada de sua família, para precisar a diferença que existe entre a parentela corporal e a parentela espiritual.

A parentela corporal e a parentela espiritual

8. Os laços do sangue não criam forçosamente os liames entre os Espíritos. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, porquanto o Espírito já existia antes da formação do corpo. Não é o pai quem cria o Espírito de seu filho; ele mais não faz do que lhe fornecer o invólucro corpóreo, cumprindo-lhe, no entanto, auxiliar o desenvolvimento intelectual e moral do filho, para fazê-lo progredir.

Os que encarnam numa família, sobretudo como parentes próximos, são, as mais das vezes, Espíritos simpáticos, ligados por anteriores relações, que se expressam por uma afeição recíproca na vida terrena. Mas, também pode acontecer sejam completamente estranhos uns aos outros esses Espíritos, afastados entre si por antipatias igualmente anteriores, que se traduzem na Terra por um mútuo antagonismo, que aí lhes serve de provação. Não são os da consangüinidade os verdadeiros laços de família e sim os da simpatia e da comunhão de idéias, os quais prendem os Espíritos *antes, durante e depois* de suas encarnações. Segue-se que dois seres nascidos de pais diferentes podem ser mais irmãos pelo Espírito, do que se o fossem pelo sangue. Podem então atrair-se, buscar-se, sentir prazer quando juntos, ao passo que dois irmãos consangüíneos podem repelir-se, conforme se observa todos os dias: problema moral que só o Espiritismo podia resolver pela pluralidade das existências. (Cap. IV, nº 13.)

Há, pois, duas espécies de famílias: *as famílias pelos laços espirituais e as famílias pelos laços corporais*. Duráveis, as primeiras se fortalecem pela purificação e se perpetuam no mundo dos Espíritos, através das várias migrações da alma; as segundas, frágeis como a matéria, se extinguem com o tempo e muitas vezes se dissolvem moralmente, já na existência atual. Foi o que Jesus quis tornar compreensível, dizendo de seus discípulos: Aqui estão minha mãe e meus irmãos, isto é, minha família pelos laços do Espírito, pois todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus é meu irmão, minha irmã e minha mãe.

A hostilidade que lhe moviam seus irmãos se acha claramente expressa em a narração de São Marcos, que diz terem eles o propósito de se apoderarem do Mestre, sob o pretexto de que este *perdera o espírito*. Informado da chegada deles, conhecendo os sentimentos que nutriam a seu respeito, era natural que Jesus dissesse, referindo-se a seus discípulos, do ponto de vista espiritual: “Eis aqui meus verdadeiros irmãos.” Embora na companhia daqueles estivesse sua mãe, ele generaliza o ensino que de maneira alguma implica haja pretendido declarar que sua mãe segundo o corpo nada lhe era como Espírito, que só indiferença lhe merecia. Provou suficientemente o contrário em várias outras circunstâncias.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A ingratidão dos filhos e os laços de família

9. A ingratidão é um dos frutos mais diretos do egoísmo. Revolta sempre os corações honestos. Mas, a dos filhos para com os pais apresenta caráter ainda mais odioso. E, em particular, desse ponto de vista que a vamos considerar, para lhe analisar as causas e os efeitos. Também nesse caso, como em todos os outros, o Espiritismo projeta luz sobre um dos grandes problemas do coração humano.

Quando deixa a Terra, o Espírito leva consigo as paixões ou as virtudes inerentes à sua natureza e se aperfeiçoa no espaço, ou permanece estacionário, até que deseje receber a luz. Muitos, portanto, se vão cheios de ódios violentos e de insaciados desejos de vingança; a alguns dentre eles, porém, mais adiantados do que os outros, é dado entrevejam uma partícula da verdade; apreciam então as funestas conseqüências de suas paixões e são induzidos a tomar resoluções boas. Compreendem que, para chegarem a Deus, lha só é a senha: *caridade*. Ora, não há caridade sem esquecimento dos ultrajes e das injúrias; não há caridade sem perdão, nem com o coração tomado de ódio.

Então, mediante inaudito esforço, conseguem tais Espíritos observar os a quem eles odiaram na Terra. Ao vê-los, porém, a animosidade se lhes desperta no íntimo; revoltam-se à idéia de perdoar, e, ainda mais, à de abdicarem de si mesmos, sobretudo à de amarem os que lhes destruíram, quicá, os haveres, a honra, a família. Entretanto, abalado fica o coração desses infelizes. Eles hesitam, vacilam, agitados por sentimentos contrários. Se predomina a boa resolução, oram a Deus, imploram aos bons Espíritos que lhes dêem forças, no momento mais decisivo da prova.

Por fim, após anos de meditações e preces, o Espírito se aproveita de um corpo em preparo na família daquele a quem detestou, e pede aos Espíritos incumbidos de transmitir as ordens superiores permissão para ir preencher na Terra os destinos daquele corpo que acaba de formar-se. Qual será o seu procedimento na família escolhida? Dependerá da sua maior ou menor persistência nas boas resoluções que tomou. O incessante contacto com seres a quem odiou constitui prova terrível, sob a qual não raro sucumbe, se não tem ainda bastante forte a vontade. Assim, conforme prevaleça ou não a resolução boa, ele será o amigo ou inimigo daqueles entre os quais foi chamado a Viver. E como se explicam esses ódios, essas repulsões instintivas que se notam da parte de certas crianças e que parecem injustificáveis. Nada, com efeito, naquela existência há podido provocar semelhante antipatia; para se lhe apreender a causa, necessário se torna volver o olhar ao passado.

Ó espíritos! compreendei agora o grande papel da Humanidade; compreendei que, quando produzis um corpo, a alma que nele encarna vem do espaço para progredir; inteiravos dos vossos deveres e ponde todo o vosso amor em aproximar de Deus essa alma; tal a missão que vos está confiada e cuja recompensa receberéis, se fielmente a cumprirdes. Os vossos cuidados e a educação que lhe dareis auxiliarão o seu aperfeiçoamento e o seu bemestar futuro. Lembrai-vos de que a cada pai e a cada mãe perguntará

Deus: Que fizestes do filho confiado à vossa guarda? Se por culpa Vossa ele se conservou atrasado, tereis como castigo vê-lo entre os Espíritos sofredores, quando de vós dependia que fosse ditoso. Então, vós mesmos, assediados de remorsos, pedireis vos seja concedido reparar a vossa falta; solicitareis, para vós e para ele, outra encarnação em que o cerqueis de melhores cuidados e em que ele, cheio de reconhecimento, vos retribuirá com o seu amor.

Não escorraceis, pois, a criancinha que repele sua mãe, nem a que vos paga com a ingratidão; não foi o acaso que a fez assim e que vo-la deu. Imperfeita intuição do passado se revela, do qual podeis deduzir que um ou outro já odiou muito, ou foi muito ofendido; que um ou outro veio para perdoar ou para expiar. Mães! abraçai o filho que vos dá desgostos e dizei convosco mesmas: Um de nós dois é culpado. Fazei-vos merecedoras dos gozos divinos que Deus conjugou à maternidade, ensinando aos vossos filhos que eles estão na Terra para se aperfeiçoar, amar e bendizer. Mas oh! muitas dentre vós, em vez de eliminar por meio da educação os maus princípios inatos de existências anteriores, entretêm e desenvolvem esses princípios, por uma culposa fraqueza, ou por descuido, e, mais tarde, o vosso coração, ulcerado pela ingratidão dos vossos filhos, será para vós, já nesta vida, um começo de expiação.

A tarefa não é tão difícil quanto vos possa parecer. Não exige o saber do mundo. Podem desempenhá-la assim o ignorante como o sábio, e o Espiritismo lhe facilita o desempenho, dando a conhecer a causa das imperfeições da alma humana.

Desde pequenina, a criança manifesta os instintos bons ou maus que traz da sua existência anterior. A estudá-los devem os pais aplicar-se. Todos os males se originam do egoísmo e do orgulho. Espreitem, pois, os pais os menores indícios reveladores do gérmen de tais vícios e cuidem de combatê-los, sem esperar que lancem raízes profundas. Façam como o bom jardineiro, que corta os rebentos defeituosos à medida que os vê apontar na árvore. Sedeixarem se desenvolvam o egoísmo e o orgulho, não se espantem de serem mais tarde pagos com a ingratidão. Quando os pais hão feito tudo o que devem pelo adiantamento moral de seus filhos, se não alcançam êxito, não têm de que se inculpar a si mesmos e podem conservar tranqüila a consciência. A amargura muito natural que então lhes advém da improdutividade de seus esforços, Deus reserva grande e imensa consolação, na *certeza* de que se trata apenas de um retardamento, que concedido lhes será concluir noutra existência a obra agora começada e que um dia o filho ingrato os recompensará com seu amor. (Cap. XIII, nº 19.)

Deus não dá prova superior às forças daquele que a pede; só permite as que podem ser cumpridas. Se tal não sucede, não é que falte possibilidade: falta a vontade. Com efeito, quantos há que, em vez de resistirem aos maus pendores, se comprazem neles. A esses ficam reservados o pranto e os gemidos em existências posteriores. Admirai, no entanto, a bondade de Deus, que nunca fecha a porta ao arrependimento. Vem um dia em que ao culpado, cansado de sofrer, com o orgulho afinal abatido, Deus abre os braços para receber o filho pródigo que se lhe lança aos pés. *As provas rudes, ouvi-me bem, são quase sempre indício de um fim de sofrimento e de um aperfeiçoamento.*

mento do Espírito, quando aceitas com o pensamento em Deus. E um momento supremo, no qual, sobretudo, cumpre ao Espírito não falir murmurando, se não quiser perder o fruto de tais provas e ter de recomeçar. Em vez de vos queixardes, agradecei a Deus o ensejo que vos proporciona de vencerdes, a fim de vos deferir o prêmio da vitória. Então, saindo do turbilhão do mundo terrestre, quando entrardes no mundo dos Espíritos, sereis aí aclamados como o soldado que sai triunfante da refrega.

De todas as provas, as mais duras são as que afetam o coração. Um, que suporta com coragem a miséria e as privações materiais, sucumbe ao peso das amarguras domésticas, pungido da ingratidão dos seus. Oh! que pungente angústia essa! Mas, em tais circunstâncias, que mais pode, eficazmente, restabelecer a coragem moral, do que o conhecimento das causas do mal e a certeza de que, se bem haja prolongados despedaçamentos da alma, não há desesperos eternos, porque não é possível seja da vontade de Deus que a sua criatura sofra indefinidamente? Que de mais reconfortante, de mais animador do que a idéia que de cada um dos seus esforços é que depende abreviar o sofrimento, mediante a destruição, em si, das causas do mal? Para isso, porém, preciso se faz que o homem não retenha na Terra o olhar e só veja uma existência; que se eleve, a pairar no infinito do passado e do futuro. Então, a justiça infinita de Deus se vos patenteia, e esperais com paciência, porque explicável se vos torna o que na Terra vos parecia verdadeiras monstruosidades. As feridas que aí se vos abrem, passais a considerá-las simples arranhaduras. Nesse golpe de vista lançado sobre o conjunto, os laços de família se vos apresentam sob seu aspecto real. Já não vedes, a ligar-lhes os membros, apenas os frágeis laços da matéria; vedes, sim, os laços duradouros do Espírito, que se perpetuam e consolidam com o depurarem-se, em vez de se quebrarem por efeito da reencarnação.

Formam famílias os Espíritos que a analogia dos gostos, a identidade do progresso moral e a afeição induzem a reunir-se. Esses mesmos Espíritos, em suas migrações terrenas, se buscam, para se gruparem, como o fazem no espaço, originando-se daí as famílias unidas e homogêneas. Se, nas suas peregrinações, acontece ficarem temporariamente separados, mais tarde tornam a encontrar-se, venturosos pelos novos progressos que realizaram. Mas, como não lhes cumpre trabalhar apenas para si, permite Deus que Espíritos menos adiantados encarnem entre eles, a fim de receberem conselhos e bons exemplos, a bem de seu progresso.

Esses Espíritos se tornam, por vezes, causa de perturbação no meio daqueles outros, o que constitui para estes a prova e a tarefa a desempenhar. Acolhei-os, portanto, como irmãos; auxiliai-os, e depois, no mundo dos Espíritos, a família se felicitará por haver salvo alguns náufragos que, a seu turno, poderão salvar outros. - *Santo Agostinho.* (Paris, 1862.)

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO II

MATEUS, Cap. XII, v. 22-28. — MARCOS, Cap. III, v. 20-26

Subjugado. — Cego e mudo por efeito da subjugação. — Blasfêmias dos fariseus. Reino dividido

MATEUS: V. 22. Apresentaram-lhe então um homem cego e mudo, possesso do demônio. Ele o curou, de sorte que o homem começou a ver e a falar. — 23. A multidão estupefacta perguntava: Porventura é este o filho de David? — 24. Os fariseus, porém, ouvindo isto, diziam entre si: Ele expulsa os demônios por Belzebu, príncipe dos demônios. — 25. Jesus, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Todo reino que se dividir contra si mesmo será destruído e toda cidade ou casa que se dividir contra si mesma não subsistirá. — 26. Ora, se Satanás expulsa a Satanás, está ele dividido contra si mesmo; como poderá então o seu reino subsistir? — 27. Se é por Belzebu que expulso os demônios, por quem os expulsam vossos filhos? Estes, por isso mesmo, é que serão os vossos juizes. — 28. Mas, se expulso os demônios pelo Espírito de Deus, é que o reino de Deus veio até vós.

MARCOS: V. 20. Entraram em casa e aí se aglomerou tão grande multidão que nem sequer podiam comer. — 21. Ao saberem disso os parentes de Jesus vieram para se apoderarem dele, dizendo que perdera o juízo. — 22. Os escribas vindos de Jerusalém diziam: Ele está possesso de Belzebu e expulsa os demônios pelo príncipe dos demônios. — 23. Jesus, porém, tendo-os chamado, lhes dizia por parábolas: Como pode Satanás expulsar a Satanás? — 24. Se um reino estiver dividido contra si mesmo, não poderá subsistir. — 25. Se uma casa está dividida contra si mesma, não pode subsistir. — 26. Se, pois, Satanás se rebelar contra si mesmo, estará dividido, não poderá subsistir e terá fim.

N. 159. Aquele homem "possesso do demônio", isto é: subjugado por um mau Espírito, estava cego e mudo por efeito da subjugação.

O Espírito obsessivo, lançando-lhe sobre os órgãos da visão e da audição os fluidos de que dispunha, combinando seu perispírito com o do subjugado, lhe paralisara aqueles órgãos e o deixara, por essa forma, privado momentaneamente do uso das faculdades de ver e ouvir.

Jesus o curou pela ação da sua poderosa vontade, afastando o obsessivo. Por meio da ação magnética restituiu ao estado normal, instantaneamente, graças aos fluidos que penetraram no homem, os órgãos sobre que atuava o Espírito mau.

O homem, que se achava cego e mudo por efeito da subjugação, expiava *desse modo* graves abusos da palavra anteriormente cometidos e expiava também o não ter

sabido aproveitar-se da luz que se lhe concedera.

A multidão, presenciando um fato que não lograva compreender nem explicar, tomada de espanto e de admiração, perguntava: *Porventura este é o filho de David?* porque predito fora que o maior dos profetas descenderia da linhagem de David e ainda porque as interpretações hebraicas consideravam o *filho de David* como um libertador material.

As palavras que Jesus dirigiu aos escribas e aos fariseus e bem assim as que, com relação a ele, proferiram os que eram, *no entender dos homens, ou* se intitulavam seus parentes, alcançavam tanto o presente quanto o futuro; tinham, *pois*, um alcance tanto espírita, quanto evangélico. Foram ditas como lição, com ensino, *necessário, naquele momento*, aos apóstolos e aos discípulos; como ensino, como lição que frutificariam no futuro, na época atual do Espiritismo, assinalada pelo advento da nova revelação. As épocas se ligam e, quanto mais avançardes, tanto melhor compreendereis a ligação que existe entre o *aparecimento* de Jesus na terra e a presente manifestação dos Espíritos. Tal aparecimento, como o sabeis desde que vos revelamos a origem do Mestre, foi uma manifestação espírita produzida por aquele que, como protetor e governador do vosso planeta e da sua humanidade, veio lançar os fundamentos básicos da vossa regeneração. A atual é *também* uma manifestação espírita. Produzem-na os Espíritos enviados ao vosso meio, para *continuarem e desenvolverem* a obra do Messias.

Jesus, para que o compreendessem e sobretudo o escutassem, apropriava sua linguagem ao estado das inteligências, às idéias em voga, aos preconceitos e tradições dos homens a quem falava. Por isso é que empregava as expressões *Belzebu, Satanás, príncipe dos demônios, diabo*, que para ele não tinham, como não devem ter para os homens, quando compreendidas *em espírito e em verdade* (vós o sabeis), mais do que um sentido figurado, servindo para designar os Espíritos maus que, depois de haverem falido na sua origem, conforme já o explicamos, permanecem nas sendas do mal, praticando-o contra os homens.

Acusado de usar dos poderes do Espírito das trevas para realizar as obras admiráveis que praticava, Jesus aponta aos fariseus e aos escribas, que o acusavam, seus próprios filhos, Hebreus como eles, dotados daquela faculdade, se bem que em grau muito inferior.

De fato, entre os Hebreus, havia alguns homens de escol, Espíritos em missão naquele meio, como há *sempre*, em todas as nações, para mostrarem “o melhor” no centro mesmo do que exista de “pior”.

Havia homens sinceramente piedosos, que *de coração* obedeciam à lei de Moisés, tendo em vista servir a Deus. Estes conseguiam, algumas vezes, *por meio da prece e da perseverança*, afastar os Espíritos malfazejos, que se manifestavam pela obsessão, ou pela subjugação.

Como já o explicamos (n. 126), esses filhos dos homens se purificavam e elevavam acima de seus pais, constituindo-se assim os juizes naturais destes últimos.

Hoje, vós outros espíritas sois acusados pelos escribas e fariseus vossos

contemporâneos, como Jesus o foi pelos de outrora, de obrar sob *influência diabólica*. Nós vos repetimos o que dizia Jesus: Nenhum reino dividido contra si mesmo pode subsistir.

Vós, filhos dos homens, podeis, pela fé, pela prece, pela sabedoria, aliviar vossos irmãos sofredores e repelir os Espíritos de trevas que venham instalar-se entre vós. Tratai, pois, de adquirir a elevação de pensamento, de dominar a carne, de levar a efeito a renúncia, meios pelos quais transformareis a prisão carnal, em que vos achais encerrados, numa veste flexível e maleável, e lograreis, cada vez em maior escala, expulsar os Espíritos maus e, ao mesmo tempo, purificar-vos, preparando, para as gerações que vos hão de suceder, guias esclarecidos que as conduzirão facilmente ao termo da viagem.

Coragem! preparai-vos, purificai-vos e não esqueçais *nunca* que um reino, que se divide contra si mesmo, não pode subsistir. Uni-vos e caminhai desassombadamente sob o estandarte que vos fizemos arvorar. Segui-o sempre, que nós marchamos à frente.

Mas, se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, dizia Jesus, é que o reino de Deus veio até vós.

A expressão — *Espírito de Deus* — considerada em relação a Jesus, significa, tirado da letra o espírito, a influência *direta* que o Senhor sobre ele exerce. *Em relação ao homem*, vós espíritas deveis compreendê-la como designando os *Espíritos* purificados que o Senhor vos envia, na qualidade de medianeiros entre a sua vontade e os vossos Espíritos.

Deus, o Senhor onipotente, é, como sabeis pelo que já vos dissemos, uno, único, indivisível. Esse o grande segredo que só *revelaremos inteiramente* quando houver soado a hora. Eterno, infinito, ele reina sobre todos os universos, na imensidade sem limites. Criando contínua e eternamente, é o pai de tudo e de todos, de tudo o que é, no infinito.

Para todos os mundos promulgou a lei imutável do progresso, mas a cada mundo deu a constituição que lhe era apropriada. Nem todos têm que passar humanamente pelas mesmas fases. Assim como há Espíritos (conforme já o explicamos) que nunca faliram, também há mundos que se conservaram sempre fluídicos e outros mais ou menos materiais, de acordo com as necessidades dos Espíritos a cuja habitação se destinam.

Quando chegar a ocasião de vos dizermos o que significam, *em espírito e em verdade*, estas palavras de Jesus: “Há muitas moradas na casa de meu pai”, dar-vos-emos, acerca da natureza dos mundos, explicações que não damos agora, porque nos fariam sair do círculo em que presentemente nos devemos manter.

Cada mundo, cada planeta (já o dissemos), tem um Espírito de pureza perfeita encarregado de o dirigir e fazer progredir, depois de lhe haver presidido à formação. Tais Espíritos são perfeitos, não só do ponto de vista moral, como também do saber, considerado este em face da obra, da missão que lhes foram confiadas. Eles estão sempre em relação *direta com Deus*, podem aproximar-se do *foco universal* e, por intermédio deles,

é que as vontades do Senhor onipotente se transmitem aos grandes Espíritos primeiramente e deste, passando pelos sucessivos graus da escala espírita, aos homens, por intermédio de seus anjos de guarda e dos bons Espíritos, com a rapidez do pensamento. E desse modo que o Espírito de Deus obra e desce até vós.

Jesus, que tem a seu cargo a direção da Terra e da humanidade, é um dos que podem aproximar-se daquele foco, sendo, como já o explicamos, de uma essência que se conservou sempre pura, de perfeita e imácula pureza, visto que jamais faliu.

É quem, como *servidor* de Deus, vosso e *nosso* Mestre, preside aos destinos do planeta terreno, quem o governa e lhe acompanha a marcha com paternal solicitude.

Em relação direta com o Senhor, do mesmo modo que aqueles de seus irmãos que, sendo-lhe iguais em pureza, desempenham missões análogas à sua, ele recebe, *sem intermediários*, as vontades do onipotente. Neste sentido é que se pode dizer que só o pai conhece o filho e só o filho conhece o pai.

Inclinai-vos com respeito, reconhecimento e amor diante desse Salvador cheio de devotamento que, desde o instante em que o vosso globo saiu dos fluidos espalhados na imensidade, em que esses fluidos, para formarem um mundo, se reuniram pela ação da sua vontade *divina*, divina no sentido de ser ele órgão *de Deus*, velou sempre por vós com solicitude, através de todas as fases por que hão passado os vossos Espíritos, atraindo sempre, pela sua poderosa simpatia, para a Terra e para a humanidade, a proteção do Todo-Poderoso.

Amai, amai com todas as forças de vossa alma a Jesus que, *para surgir as vistas dos homens*, aceitou a encarnação, tomando um corpo fluídico, de cuja natureza e propriedade já tratamos, a fim de lançar as bases, os fundamentos da obra de vossa regeneração. Amai, amai com todas as veras da vossa alma a Jesus, que aceitou a encarnação, sendo embora de uma perfeição que se perde na noite das eternidades; que a aceitou, embora nunca houvesse merecido encarnar, como expiação, ainda que em mundos elevados, porquanto chegou à perfeição sem jamais haver falido. Ele não teve que sofrer, por expiação, repetimos, a encarnação, mesmo em mundos elevados, onde se exilam, para resgatar suas faltas, por mais leves que sejam, os Espíritos que se conservaram puros na via do progresso até alcançarem grande elevação, mas que vieram a falir, se bem que ligeiramente, visto que diante do Senhor onipotente só a perfeição sem mancha alguma pode apresentar-se.

A menor fraqueza, tão mínima que com os vossos órgãos de percepção sois incapazes de a apreciar, constitui uma falta que o Espírito, adiantado no caminho do progresso, reconhece imediatamente e expia, por meio de uma encarnação mais ou menos material, mais ou menos fluídica, conforme ao grau do seu adiantamento, à extensão ou à gravidade da mesma falta. Todo castigo é adequado ao erro cometido. Uma falta que, por demasiado sutil, vos escapa, é uma ofensa ao Senhor onipotente e não escapa ao Espírito que, já bastante elevado, tem dela consciência antes mesmo de germinar, por assim dizer, no seu íntimo, e que se exila para expiá-la, privando-se temporariamente dos gozos infinitos do Espírito puro e livre.

Amai, amai com todas as forças de vossa alma a Jesus que, continuando a sua obra de regeneração, vem hoje de novo para, por meio da revelação atual, pelo Espírito da Verdade — estrada contínua de progresso moral e intelectual — conduzir-vos, de degrau em degrau, até ao Deus único e eterno, rei do céu e da terra, a quem deveis a homenagem e o tributo das vossas adorações.

“Mas, se expulso o demônio pelo Espírito de Deus, é que o reino de Deus, dizia Jesus, veio até vós.”

O reino de Deus vem para aquele que, afinal, encontra o caminho que leva mais diretamente ao fim.

Para os Judeus endurecidos e prevaricadores da lei de Moisés, que por eles fora ainda mais deformada do que a lei do Cristo o foi pelo Catolicismo, aquele reino viera, a fim de que os que preparavam para si mesmos longa e dolorosa expiação achassem aberta diante de si a porta da esperança e o meio de chegarem ao bem pela linha mais curta.

O reino de Deus veio ainda para os que, em vez de simplesmente seguirem a lei de Jesus, o que fora bastante, *a amoldaram*, arrastados pelo orgulho e pelo egoísmo, às suas impurezas, fazendo de uma lei tão pura — *para uns* (os que se servem da religião como de um meio, os que só a praticam exteriormente e a afeiçoam às suas necessidades) elástica vestimenta, dentro da qual pudessem executar os movimentos mais desregrados; e, *para os outros*, uma geena a lhes tolher os movimentos numa constrição dolorosa. Estes últimos, no nosso entender, são os que tomam ao sério a religião, mas que, dotados de pouca inteligência, se adstringem a carregar todo o peso *do jugo que lhes é imposto*, por maior que seja esse peso.

Também para vós veio o reino de Deus, porquanto, depois de termos nós, os apóstolos e discípulos de Jesus, trabalhado no caminho que ele abrira, hoje, com a nova revelação e ajudados pelos nossos irmãos, os outros Espíritos do Senhor, o limpamos dos juncos, espinhos, das pedras agudas, estendendo-vos ao mesmo tempo as mãos para vos ajudarmos a avançar nele, tirando a venda aos que ainda têm a vista fraca e fazendo brilhar a luz para os que já a podem suportar.

Esperai: o reino de Deus se aproxima cada vez mais e cada vez maiores esplendores seus vos vamos mostrando. Aguardai, porém, o terdes a vista bastante forte, a fim de que a sua luz não vos ofusque.

Fizemos que reunísseis aqui os v. 20-26 de Marcos aos v. 22-28 de Mateus, para evitarmos repetições, visto que um e outro relatam nos mesmos termos a acusação dos fariseus e dos escribas, assim como as palavras com que Jesus lhes replicou.

Em várias ocasiões, em diferentes lugares e em circunstâncias diversas, os fariseus e os escribas acusaram a Jesus de ser agente de *Belzebu*, de *Satanás*, do *príncipe dos demônios*, do *demônio*, do *diabo*.

Assim é que o que Marcos refere no trecho acima transcrito não ocorreu na mesma

ocasião e nas mesmas circunstâncias em que se passou o que consta na narração de Mateus. O que Marcos relata se deu quando Jesus acabava de escolher os doze apóstolos e de lhes conferir o poder de curar as enfermidades e expulsar os maus Espíritos, chamados “demônios”.

“Ao saberem disso, diz o Evangelho, os parentes de Jesus vieram para se apoderarem dele, dizendo que perdera o juízo.”

Sabeis, pois já o temos dito, que, durante a sua missão terrena, Jesus tinha que passar e, *para a sua família*, como *para os homens em geral*, passava por ser um homem *igual aos outros*. A revelação feita a Maria e a José tinha que permanecer e permaneceu secreta até ao termo daquela missão. Nessa época, por efeito da mesma revelação, que encerrava veladamente a da origem espírita de Jesus, origem que a revelação atual vos deu a conhecer, os homens fizeram do Mestre um Deus, pois que entraram a considerá-lo como parte e fração *do próprio Deus*.

Os Hebreus, pelo consórcio dos de uma tribo com os de outras, eram parentes quase todos, ou se intitulavam parentes uns dos outros. Em tais condições, Jesus, *no entender dos homens*, estava cercado de primos mais ou menos próximos.

Esses parentes, segundo os quais Jesus saíra do mesmo tronco que eles, achando-se nas mesmas condições de humanidade em que eles se encontravam, não podiam admitir que o Mestre se elevasse tão alto, que instituísse apóstolos e lhes desse *tais poderes*.

Eis porque resolveram apoderar-se dele, dizendo *que perdera o juízo*, que fora atacado de loucura.

Jesus personificava a doutrina que hoje *renasce* entre vós. Como sucede com todas as grandes e generosas idéias, ela foi mal compreendida. Daí veio a oposição que se lhe deparou, sobretudo entre os que, *segundo os homens*, desconhecedores da sua origem extra-humana, eram membros da sua família.

Não disse ele que ninguém é profeta no seu país? Não vedes, ainda agora, entre as famílias, muitos de seus membros apedrejarem os que não lhes seguem a rotina? O *homem nega tudo o que não compreende e condena tudo o que o embaraça ou assusta*.

Vós, espíritas, que, aceitando a nova revelação, saís da rotina, sois, *como o foi Jesus pelos seus parentes e pelos outros homens*, acusados de haver perdido o juízo, de estar atacados de loucura, dê vos achardes sob a influência demoníaca, segundo os escribas e os fariseus dos vossos dias. Como novos discípulos do Cristo, que, juntando à *palavra o exemplo*, pregais a doutrina do Mestre, que renasce explicada e desenvolvida *em espírito e verdade* pela nova revelação, opõe a essas acusações a paciência, a doçura, a indulgência, a firmeza, a coragem. Caminhai ousadamente. O Cristo vela por vós, vos protege e manda que os Espíritos do Senhor vos guiem os passos.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO II

MATEUS, Cap. XII, v. 46-50. - MARCOS, Cap. III, v. 31-35. -
LUCAS, Cap. VIII, v. 19-21

O irmão, a irmã e a mãe de Jesus são os que fazem a vontade de seu pai, ouvindo a palavra de Deus e pondo-a em prática.

MATEUS: V. 46. Estando ele ainda a pregar para a multidão, sua mãe e seus irmãos do lado de fora procuravam falar-lhe. - 47. Então alguém lhe disse: Tua mãe e teus irmãos estão ali fora procurando-te. - 48. Respondendo a esse que assim falara, disse ele: Quem é minha mãe e quais os meus irmãos? - 49. E, estendendo a mão para os discípulos, disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos; - 50, porquanto, quem quer que faça a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe.

MARCOS: V. 31. Sua mãe e seus irmãos, tendo vindo e ficado do lado de fora, o mandaram chamar. - 32. Ora, como a multidão o cercasse, alguém lhe disse: Olha que tua mãe e teus irmãos te procuram. - 33. Ao que perguntou ele: Quem é minha mãe e quais são os meus irmãos? - 34. E, olhando para os que se achavam sentados ao redor de si, disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos; - 35, porquanto, aquele que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe.

LUCAS: V. 19. Sua mãe e seus irmãos vieram ter com ele, mas não puderam aproximar-se dele por causa da multidão. - 20. Disseram-lhe então: Estão lá fora tua mãe e teus irmãos que te querem ver. - 21. Jesus, respondendo, disse: Minha mãe e meus irmãos são os que escutam a palavra de Deus e a praticam.

N. 163. Não estando ligado a Maria por nenhum laço humano, Jesus patenteava aos homens os sentimentos de fraternidade e de amor que os deviam unir.

Efetivamente, qual poderia ser o desejo do bom pastor que vinha à procura das ovelhas tresmalhadas? qual poderia ser o seu objetivo? - Reuni-las em torno de si. Todas, fossem quais fossem, eram dele bem-amadas.

Sendo, com relação aos homens, pela sua pureza e pelo seu poder, filho único do pai e vindo dizer-lhes: Sois todos, como eu, filhos de Deus, Jesus precisava demonstrar que punha em prática os ensinamentos que dava à multidão e provar que todos os seres humanos são de fato filhos de Deus e, por isso, irmãos dele Jesus, enquanto caminham nas vias do Senhor.

Referindo-nos a Jesus, acabamos de usar das expressões -filho único do pai. Ele o era e é, no sentido de ser, pela sua elevação espiritual, única relativamente à de todos

os Espíritos que se acham ligados ao vosso planeta, quem Lhe preside aos destinos. Desse ponto de vista e comparado a vós outros, Jesus pode e deve, já o temos dito, ser considerado filho único do Senhor. Sua essência pura, que nunca se desviou da linha do progresso, se aproxima da natureza do Criador universal. Seu poder ilimitado sobre quanto concerne ao orbe terreno participa do poder do supremo Senhor, com o qual ele, pela sua pureza, se acha em relação direta.

Maria e os chamados irmãos de Jesus o foram procurar, induzidos pela influência espírita de seus anjos da guarda e também levados pela idéia de que, devendo o Mestre atender à necessidade de alimentar o corpo, Lhes cumpria ir à sua procura, para esse fim.

Conquanto fosse um Espírito muito elevado, Maria estava, até certo ponto, submetida à matéria que a envolvia e não compreendia que Jesus pudesse resistir a tão grandes fadigas sem tomar os alimentos que sustentam o corpo.

Tinha ela a intuição da sua sorte futura; mas, o passado se Lhe apresentava, como a vós, coberto por um véu, o véu da carne.

Nunca será demais que repitamos, pois não o deveis perder de vista, o seguinte: Em virtude da revelação que Lhes fora feita e que se conservou secreta, como devia acontecer, até depois de finda a missão terrena de Jesus, este, para Maria e para José, era um ente excepcional, grande aos olhos de Deus, por ser filho do mesmo Deus, e que encarnara milagrosamente, mas sem deixar de participar da natureza do homem e de estar sujeito às exigências, às necessidades da humana existência. Para os homens, ele era um homem igual aos outros, filho, por obra humana, de José e de Maria e como tal o consideraram enquanto durou a sua missão terrena e até à época em que, já finda essa missão, aquela revelação se tornou conhecida do povo.

A ida de Maria e dos chamados irmãos de Jesus à procura deste Lhes foi inspirada para provocar, como provocou, a observação do Mestre.

Ao que Lhe dissera: "Tua mãe e teus irmãos te procuram", ele respondeu inquirindo: "Quem é minha mãe e quem são meus irmãos"? E acrescentou, apontando para os discípulos: "Eis aqui minha mãe e meus irmãos, pois que aquele que houver feito a vontade de meu pai, a vontade de Deus - esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe; minha mãe e meus irmãos são os que escutam a palavra de Deus e a põem em prática".

As versões de Mateus, Marcos e Lucas são exatas e se completam umas pelas outras: Jesus apontou com a mão para os discípulos que o cercavam e respondeu, deixando cair sobre o povo a atração poderosa do seu olhar, irradiação magnética que atraía os homens como o ímã atrai o ferro. Por esse gesto ele apresentava seus discípulos como exemplo e atraía para eles a multidão que os teria de imitar.

Ao dar aquela resposta, o presente e o futuro se confundiam no seu pensamento. Deu-a, tendo por fim, atento o motivo que determinara a ida de Maria e dos que eram designados por irmãos dele, provar que a missão, a cujo desempenho se consagrara no meio dos homens, sobrelevava aos laços da família humana, às necessidades da natureza humana, que, no entender dos mesmos homens, se Lhe faziam sentir. Em todas as

ocasiões feria as inteligências.

Tinha também por fim, atentas as palavras que lhe eram dirigidas, mostrar veladamente que nenhum laço humano o prendia a Maria, nem, por conseguinte, àqueles com quem o supunham ligado por humano parentesco. Quis mostrar que não o ligava a Maria, nem aos que eram tidos por seus irmãos, nem aos seus discípulos, nem à multidão que o rodeava, senão um laço espiritual, um parentesco espiritual, um laço de parentesco e de fraternidade segundo o espírito e não segundo a carne: Quis ainda mostrar que mesmo esse parentesco e essa fraternidade, segundo o espírito, entre ele e os homens, assim como entre estes de uns para os outros, não eram reais nem verdadeiros, senão relativamente aos que houvessem feito a vontade divina, escutando e pondo em prática a palavra de Deus, de quem era ele o representante e o órgão.

Tinha igualmente por fim preparar os homens para, nos tempos preditos, receberem a nova revelação, que hoje vos trazemos e que, tirando da letra o espírito, lhes faria conhecer, em espírito e verdade, a sua origem espírita, as condições e o modo por que se deu o seu aparecimento na terra, sua missão, sua potencialidade e seus poderes como delegado e representante do pai, no que diz respeito ao vosso planeta, a cuja formação presidiu, tendo por encargo dirigir-lhe o progresso e levá-lo à realização de seus destinos, conduzindo a humanidade terrena à perfeição pelas vias do progresso, que são a caridade, o amor e a ciência. Por essa nova revelação, ficarão os homens sabendo, em espírito e verdade, que ele Jesus é de todos irmão e ao mesmo tempo senhor, pelo poder ilimitado que tem sobre quanto respeita ao mundo em que habitais.

Tinha, pois, também por fim preparar os homens para, quando chegasse o momento, abandonarem, esclarecidos pela nova revelação, a crença na sua divindade, crença que, previa-o ele, se havia de generalizar, uma vez terminada a sua missão terrena; de acordo com o estado das inteligências, com as impressões, aspirações e interpretações humanas, assim como com as necessidades da época. Correspondendo a essas necessidades e servindo para preparar os tempos de hoje, que então eram o futuro, para preparar o advento da era que se vos abre, tal crença seria, como foi, uma condição e um meio de progresso.

Disseram a Jesus: "Tua mãe e teus irmãos te procuram". Confrontando essas palavras com estas outras (Mateus, XIII, v. 55): "Não é esse o filho do carpinteiro; sua mãe não se chama Maria; não são seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas?" com estas (Mateus, XIII, v. 56): "E todas as suas irmãs não se acham entre nós?" com estas ainda (Marcos, VI, v. 3): "Não é esse o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão?" e com estas mais (Mateus, I, v. 25): "E ele (José) não a tinha conhecido quando ela pariu o seu primogênito, ao qual deu o nome de Jesus" - pretenderam alguns homens e ainda pretendem poder afirmar que Jesus teve irmãos e irmãs por obra de José e de Maria.

Há nisso um erro manifesto que, após as discussões travadas outrora e mesmo nos dias de hoje, não mais devera reproduzir-se. Diante da nova revelação no que respeita à origem espírita de Jesus, ao seu aparecimento na terra, à natureza e ao caráter da sua

missão no passado, no presente e no futuro, à elevação e à pureza de Maria e de José, à natureza e ao caráter da missão que os dois desempenharam, auxiliando a obra do Mestre, semelhante erro tem que desaparecer dos debates e controvérsias humanas.

Só aos olhos dos homens, mas não na realidade das coisas, existia parentesco próximo entre Jesus e os que eram chamados seus irmãos e irmãs.

Em hebreu a palavra - irmão - tinha várias acepções. Significava, ao mesmo tempo, o irmão propriamente dito, o primo co-irmão, o simples parente. Entre os Hebreus, os descendentes diretos da mesma linha eram considerados irmãos, se não de fato, ao menos de nome e se confundiam muitas vezes, tratando-se indistintamente de irmãos e irmãs. Geralmente se designavam pelo nome de irmãos os que eram filhos de pais-irmãos, os que agora chamais primos-irmãos.

Os chamados irmãos e irmãs de Jesus eram, segundo o parentesco humano que entre eles havia aos olhos dos homens, seus primos-irmãos.

Maria não era filha única; tinha uma irmã, que também se chamava Maria, mulher de Cleofas e mãe de Tiago, de José, de Simão e de Judas, que os homens tratavam de irmãos de Jesus.

Do mesmo modo, as chamadas irmãs deste eram suas primas co-irmãs, de acordo com o parentesco humano que, segundo os homens, havia entre elas e o Mestre.

Que importaria aos homens que Jesus tivesse tido irmãos e irmãs na humanidade, uma vez que a essência deles não podia ser igual à do Mestre, Espírito perfeito, que encarnara, para ser visto dos mesmos homens, tomando um perispírito tangível, com a forma ou a aparência do corpo humano, adequado às necessidades e à duração da sua missão terrena?

Tal, porém, não podia dar-se e não se deu. Espíritos muito elevados, José e Maria sofriam o constrangimento do envoltório carnal que haviam aceitado, mas não estavam sujeitos a instintos de que já se haviam libertado. Exilados momentaneamente da verdadeira pátria, dela guardavam intuitivamente a lembrança e um único era o anelo de ambos: voltar para lá.

Nunca se deve acompanhar o curso de um rio de águas impuras. Deixai que os ímpios desnaturem os fatos mais sérios. Repetimos: Espíritos muito elevados, encarnados em missão, José e Maria não experimentavam as necessidades carnis da humanidade. Intuitivamente preparada para a missão que lhe cumpria desempenhar na execução daquela grande obra de regeneração, cujo desenlace constituiu exemplo para todas as raças humanas que, a partir de então, se sucederam, Maria foi e permaneceu sempre virgem. José, menos elevado do que ela, mas desempenhando também uma missão sagrada, compreendeu, pela revelação do anjo, qual o objeto da sua existência material e a ele se consagrou inteiramente.

Com a locução - "filho primogênito" - em que alguns homens se apoiaram para atribuir a Maria muitos filhos, verifica-se o que acabamos de apreciar com relação aos vocábulos - irmãos, irmãs. As interpretações humanas truncaram em falso. Filho primogênito o mesmo é que filho único, no verdadeiro sentido da palavra hebraica. Quando

um único filho havia nascido, esse necessariamente era o primeiro. Ide ao texto hebreu, à língua hebraica, investigai a maneira por que os Hebreus dela usavam e achareis a significação exata das palavras.

Eles empregavam indiferentemente, na sua linguagem, a locução filho primogênito, tanto no caso de haver um só filho, como no de haver muitos, quando aludiam ao que primeiro nascera, quer outros tivessem nascido depois, quer não.

No verdadeiro sentido da frase hebraica (Mateus, I, v. 25), a locução filho primogênito significa apenas que Maria não tivera antes outro filho. Jesus era, pois, o primogênito. O autor não previu as considerações e interpretações a que tal locução daria lugar. Sob este aspecto, sua contextura é defeituosa para o vosso entendimento.

O v. 25 do cap. I de Mateus teve por fim, exclusivamente, confirmar o que fora dito nos v. 18 e 24, resumindo o que deles se deduz, isto é: que José não tomou parte alguma na concepção do filho de Maria, nessa obra do Espírito Santo; que não se aproximara dela; que aquela concepção fora obra exclusiva do Espírito Santo. Já sabeis pela revelação que vos fizemos do modo por que Jesus apareceu na terra, o que significam essas palavras: - concepção por obra do Espírito Santo.

Assim, pois, a locução "filho primogênito" não objetivava senão certificar que Maria concebera sendo virgem. Absolutamente não foi empregada para exprimir a prioridade do nascimento de um irmão entre muitos, para registrar a primogenitura de um deles, fato que, na vossa jurisprudência, política, ou feudal, conferia, sob o título de "direitos de primogenitura", certos privilégios ao irmão mais velho.

Pelo que vos revelamos com relação à gravidez e ao parto de Maria, sabeis agora como se conservou ela virgem, não obstante a gravidez e o parto, pois sabeis que estes, como obra do Espírito Santo, como obra espírita, realizada por meio do magnetismo espiritual, foram apenas aparentes, tomando-os ela, entretanto, e os homens por fatos reais.

Jesus, portanto, sendo "filho primogênito", era o que chamais "filho único". Terminada a sua missão terrena, os Hebreus, por não quererem admitir que o Mestre tivesse tido a vida especial que lhe atribuíam não só a revelação que, conservada até então secreta, se tornara conhecida do povo, mas ainda as interpretações a que essa revelação dera lugar, tomaram a locução primogênito como indicando que ao de Jesus se seguiram outros nascimentos.

Vós outros cristãos vos apegastes ao sentido verdadeiro, que é o de filho único. Eis aí a explicação destas palavras de que nos servimos: - o que chamais filho único.